



4 3 0 . ° S A R A U

Theatro

Municipal

DOMINGO,  
27 DE AGOSTO DE 1939

ÀS 20 ½ HORAS

## Grande Cia. Lyrica Official

Primeira temporada autonoma, com elenco exclusivo para S. Paulo, sob os auspícios da Prefeitura Municipal (Organização Geral do Maestro Sylvio Piergile)

Representação da opera em 3 actos (5 quadros)  
de G. ADAMI e R. SIMONI (libreto)  
e musica de GIACOMO PUCCINI  
(Editores: G. RICORDI & CIA.)

# TURANDOT

### PERSONAGENS:

A Princeza Turandot .....	GINA CIGNA
O Imperador Altoum .....	MARIO BRUNATI
Timour, Rei Tártaro desthronado .....	DUILIO BARONTI
O Principe desconhecido (Calaf), seu filho	PEDRO MIRASSOU
Liú, joven escrava .....	TITA FERREIRA
Ping, Grande Chancellor .....	MARIO GIROTTI
Pang, Grande Provedor .....	RENATO DE PASCALE
Pong, Grande Cozinheiro .....	BRUNO MAGNAVITA
Um Mandarim .....	LISANDRO SERGENTI
O Principe Persa .....	MARIO BIANCHI
Guardas Imperiaes — Ajudantes do carrasco — Rapazes — Sacerdotes — Mandarins — Dignitarios — Os 8 sabios — Açafatas de Turandot — Sol- dados — Porta-bandeiras — Musicos — As sombras dos mortos — A multidão.	

A acção passa-se em Pekim, no tempo das fabulas.

Maestro concertador e diretor de orchestra: GENNARO PAPI

Regisseur: *Mario Girotti* — Director do Coro: *Fidelio Finzi*

Orgão Hammond, gentilmente cedido pela PRA5 (Radio São Paulo)

Organista: Maestro Angelo Camin.





# TURANDOT

## ARGUMENTO

“Turandot” foi cantada pela primeira vez, em 23 de abril de 1926, no “Scala”, de Milão, sob a direcção de Toscanini.  
A morte arrebatou Puccini em 1924, quando elle levava a harmonisação da partitura até a morte da escrava. Completou-a o Maestro Franco Alfano, que teve de enfrentar a grave responsabilidade imposta pelo longo dueto de Turandot e Calaf e pelo quadro final.

## PRIMEIRO ACTO

“Nos muros da cidade abrem-se tres gigantescas portas, á esquerda e ao fundo. Á direita um portico magnifico, tem ao pé um gongo. Sobre o reduto erguem-se as estacas em que se expõem as cabeças dos suppliciados. Uma pittoresca multidão chinesa agglomera-se, contida pelos guardas tartaros, ouvindo com attenção um Mandarim que lê um tragico decreto.

Diz o fatal documento: — “Povo de Pekim! É esta a lei: Turandot, a Pura, será esposa daquelle, de sangue real, que decifre os tres enigmas que ella lhe proporá. Mas aquelle que afrente a prova e fique vencido será decapitado. O principe da Persia teve a sorte adversa: ao nascer da lua, morre ás mãos do carrasco.” Afasta-se o mandarim e a turba reclama em altos gritos a presença do carrasco, que se demora para o supplicio; mas os guardas rechaçam-na, atropelando-se os populares em confusão. No tumulto, o velho e tremulo Timour, antigo rei tartaro desthronado que anda pelo mundo sem asylo, é derrubado pela multidão. A joven escrava Liú, que o acompanha, tenta inutilmente protegê-lo, lançando para a população os seus clamores supplicantes. De repente accorre um joven a erguer o ancião. É o principe desconhecido. Ao reconhecer no velho Timour o seu infeliz pae, um grito immenso se lhe solta do peito. Timour julgava-o morto. O principe diz-lhe que quem usurpou a corôa os procura e persegue. Depois pergunta ao pae quem é aquella rapariga que o acompanha. Timour explica que é Liú, que lhe appareceu quando elle andava fugitivo e sem reino e que nunca mais o abandonou, enxugando-lhe o pranto, mendigando para elle. Por que? — perguntou o principe commovido. E’ a propria Liú que lhe responde:

— Porque um dia, no palacio real, me sorriste, senhor.

Entretanto, a multidão irrompe em gritos de feroz embriaguez ao vêr apparecer os ajudantes do carrasco que arrastam a tremenda espada dos sacrificios e a afiam numa enorme pedra. Apparece a lua. É a hora da execução. Entra um cortejo, em que os sacerdotes trazem as offertas funebres. Depois os mandarins e altos dignitarios. Por fim, muito bello, quasi infantil, apparece o principe da Persia. Ao vel-o tão seductor, a multidão commove-se e pede o seu perdão. Chamam pela princeza Turandot, e o Principe Desconhecido clama tambem por ella, para a amaldiçoar. Do alto do balcão imperial mostra-se Turandot, e a maldição morre nos labios do principe, que fica contemplando-a extatico. A turba prostra-se. Turandot, dominadora e algida, faz o inexoravel gesto de morte.

O cortejo prosegue, acompanhado por todo o povo. Só com Timour e Liú, o principe desconhecido continua immovel e extatico, como se aquella morbida visão de belleza lhe tivesse fatalmente determinado o destino. Timour e Liú inquietam-se e querem demovel-o do proposito temerario que elle manifesta. Elle porém, no auge da louca embriaguez, precipita-se para o gongo gritando:

— Turandot!

Mas ao seu grito um outro grito longinquo responde, como um éco funereo:

— Turandot!

É a ultima invocação do princepezinho da Persia, moribundo. Depois um golpe surdo... O principe desconhecido não quebra porém o seu impulso, e lança-se para o gongo fatidico que serve para annunciar á tragica princeza a presença de um novo pretendente.



Mas neste momento entre elle e o bronzeo disco, tres mysteriosas figuras se interpõem. São Ping, Pang e Pong, tres grotescas mascaradas. Os tres ministros do imperador, o Grande Chanceller, o Grande Provedor e o Grande Cozinheiro, vão alli para demover o principe do seu desvairado intento. Juntam as suas exortações, os seus rogos mesmos, aos do velho Timour e de Liú. Tentam todos os meios de o trazer á razão. Por um momento o mancebo não tem forças para reagir. Mas uma ronda de fantasmas surge na obscuridade. São os espectros dos que morreram por Turandot. Pedem-lhe com voz lamentosa que a chame, que a faça apparecer para que elles a vejam, que a faça falar para que elles a ouçam, porque a amam e ainda sonham com ella no reino das sombras.

O Principe Desconhecido com um grito responde:

— Não! Não! Só eu a amo!

Volta á sua allucinação. Os ministros mostram-lhe a cabeça do Principe da Persia, que o carrasco está collocando numa estaca. Timour e Liú redobram de supplicas. É tudo inutil. O allucinado, n'um gesto decisivo, bate no gongo tres pancadas, invocando: — Turandot!... Turandot!... Turandot!...

Os tres ministros fogem horrorisados.

Timour e Liú, apertam-se ao peito um do outro, n'um atroz desespero. O Principe fica extatico ao pé do gongo.

## SEGUNDO ACTO

PRIMEIRO QUADRO — N'um pavilhão, Ping, o Grande Chanceller, depois de espreitar para todos os lados, chama os seus companheiros Pang e Pong, que immediatamente acorrem, seguidos de tres criados com lanternas de diferentes cores. Os tres ministros consideram entre si que têm que estar promptos quer para uma boda quer para um enterro, visto ter soado o gongo funesto. Lamentam a inquietação em que vive a China, dantes tão festiva, desde que nasceu Turandot. Recordam o numero dos primeiros decapitados, por terem aspirado a mão da imperial donzella, sem terem conseguido decifrar os tres enigmas.

Ping conta que tem uma casa no Honan, toda rodeada de bambús, onde estaria bem melhor do que alli na côrte. O mesmo diz Pong, que fala das suas florestas de Tsiang, assim como Pang, que mostra saudades do seu jardim de Hiú.

Vozes de fóra referem-se ás tarefas do carrasco. Entretanto os rumores do palacio real que desperta vêem arrancar aos seus devaneios os tres ministros, que desaparecem rapidamente.

SEGUNDO QUADRO — Estamos na vasta praça em frente do palacio real, vendo-se uma enorme e majestosa escadaria ao centro. No alto da escadaria apresentam-se os oito sabios, trazendo na mão cada um tres rolos de seda, sellados, contendo as soluções dos enigmas de Turandot. Vae enchendo a praça a multidão que vem assistir á prova a que se quiz sujeitar o Principe Desconhecido. Este se encontra ao pé da escadaria. O imperador, que occupa o seu throno de marfim, dirige a palavra ao Principe, aconselhando-o a que desista do seu intento. Um atroz juramento o obriga a manter o terrivel pacto, mas, todas as vezes que mais uma cabeça tomba, o seu peito enche-se de horror. Não quer ter mais o seu septro tinto de sangue e por isso o exhorta a que se vá. Nada porém demove o Principe do seu proposito. Entra Turandot a contar a seguinte historia: “Ha muitos milhares de annos, quando o rei dos tartaros invadiu a China e a venceu, a Princeza Lo-u-ling foi morta e arrastada de noite pelas ruas. Ha longos millenios ella dorme na sua tumba, mas o grito desesperado que ella soltou ao morrer resôa ainda dolorosamente na alma de Turandot. Ella, cheia daquelle grito, vingará sobre quantos cahirem na sua alçada, aquella pureza manchada e aquella morte.” E conclue para o Principe Desconhecido:



— Estrangeiro: Não tentes a sorte! Os enigmas são tres e a morte é uma.

Elle porém responde:

— Não, Princeza, não! Os enigmas são tres, e é uma a vida!

Então Turandot proclama o primeiro enigma. O Principe desvenda-o: é a “Esperança”. Os sabios quebrando os sellos dos rolos que tem as respostas, confirmam a solução: É a Esperança. Turandot tem um riso frio e passa ao segundo enigma.

O Principe acerta: É o “Sangue”. Os sabios confirmam: é o Sangue. Turandot, desesperada, desce a escadaria e proclama o terceiro enigma, curvada raivosamente para o seu adversario:

— Gelo que te dá fogo! E do teu fogo mais gelo toma. Candida e mysteriosa. Se te quer livre, torna-te mais servo. Se por servo te aceita, faz-te rei!

O Principe, depois de um momento de abatimento, ergue-se radiante e exclama:

— És tu, Turandot!

A maligna Princeza, no meio dos clamores que victoriam o vencedor, acerca-se do throno do Imperador e pede-lhe que não dê a sua filha áquelle estrangeiro. O Imperador diz que o juramento é sagrado. A multidão tambem o impõe. Então Turandot volta-se para o Principe e pergunta-lhe se elle a quer possuir á força, cheia de repugnancia e de odio. O mancebo diz-lhe que a quer ardente de amor, e que a liberta do pacto, depondo-lhe aos pés a victoria. E depois accrescenta-lhe: — “Propuzeste-me tres enigmas, que decifrei, e apenas um te proporei. Diz-me o meu nome antes da alvorada e á alvorada morrerei!”.

O Imperador e a multidão exaltam a generosidade do joven, fazendo votos por que lhe sorria a vida.

## TERCEIRO ACTO

PRIMEIRO QUADRO — Jardim do Palacio Imperial, vendo-se á direita um pavilhão. É noite. Ouvem-se vozes dos arautos: — “Esta noite ninguem dorme em Pekim. O nome do Principe Desconhecido deve ser revelado antes de romper a manhan, sob pena de morte! Assim o ordena Turandot”.

O Principe affirma que o seu nome o dirá sobre os labios da Princeza, quando resplandecer a luz do sol.

Entram Ping, Pang e Pong que vão pedir ao Principe que diga o seu nome para que elles não morram. Offerecem-lhe riquezas e a fuga. Pretendem enternecel-o, lembrando-lhe os horrorosos supplicios a que vão ser sujeitos. O Principe porém só vê Turandot, só quer Turandot. Ouvem-se vozes tumultuosas. O velho Timour e Liú, reconhecidos como companheiros do Principe, são arrastados para junto do palacio pela multidão. Aparece Turandot, a quem Ping informa de que aquellas duas boccas podem pronunciar o nome do desconhecido. Turandot ordena a Timour que fale, mas Liú diz que só ella o sabe. Não o dirá porém, porque guardal-o para si é uma volupia. Vem o carrasco com os ajudantes que iniciam as torturas para a forçarem a falar. Liú diz que vae revelar o cobiçado segredo. Então libertam a joven que, dirigindo-se desesperada a Turandot, grita-lhe que ella, a Princeza Gelada, ha de ser vencida por tanto fogo e ha de amal-o.

— Antes do nascer da aurora — accrescenta Liú — cerrarei cansada os olhos para que elle vença mais uma vez... para eu não o vêr mais. E num gesto inesperado, saca da cintura de um soldado um agudissimo punhal, que crava profundamente no peito, indo cahir aos pés do Principe. Este e Timour choram a pobre escrava sacrificada, cujo cadaver é levado para fóra, seguido pela multidão que pede perdão ao espirito da morta.

(Neste ponto termina a musica de Puccini)



Ficaram sós, em frente um do outro, o principe e Turandot. A princeza, coberta por um amplo veu, não tem um gesto, não faz um movimento. Arrancando-lhe o veu, o principe mostra-lhe o sangue purissimo que a crueldade della fez verter. Turandot responde:

— Que ousa, estrangeiro!... Coisa humana não sou... Sou a filha do ceu, livre e pura!... Tu podes arrancar-me o frio veu, mas a alma está lá em cima! O principe replica-lhe que o corpo della está, porém, ao seu alcance e que vae beijal-a fremente de paixão. Effectivamente, cinge-a nos braços e beija-a freneticamente. Turandot debate-se, desfallecida e supplicante:

— Que fazes de mim?... Que fazes de mim?... Oh! que calafrio eu sinto! Estou perdida!... Deixa-me!... Não!...

Começa a nascer a aurora. Turandot confessa que está vencida e que sempre teve medo d'elle, desde que o viu. Mas pede ao principe que não abuse da sua victoria e que parta com o seu mysterio.

O joven, ébrio de amor, diz-lhe que já não ha nenhum mysterio para ella. Dá-lhe o seu nome e a sua vida. Chama-se Calaf, e é filho de Timour.

Turandot, ao ouvir a imprevista revelação ,ergue-se num impeto, como se a sua alma orgulhosa e cruel tivesse subitamente despertado em furor.

— Sei o teu nome!... Sei o teu nome!... — grita jubilosamente. É chegada a aurora, é a hora da prova!

— Não a temo! E' doce morrer assim!...

— Tenho na minha mão a tua vida! Calaf!... Vem commigo perante o povo...

O ceu está cheio de radiante claridade. Ouvem-se cada vez mais perto as vozes da multidão que se approxima, cantando um hymno á luz da manhan.

SEGUNDO QUADRO — Exterior do palacio imperial. O imperador no seu solio, ao alto da majestosa escadaria, está rodeado pela sua côrte. A multidão acclama-o, fazendo votos pela sua vida: — Dez mil annos ao nosso imperador!...

Turandot sobe a escada. Faz-se silencio como por encanto. A princeza exclama: — Meu augusto pae!... Agora já sei o nome do estrangeiro!...

E finalmente vencida, fitando Calaf, que está em baixo ao pé da escadaria, murmura num suspiro: — o seu nome é Amor!

Calaf sobe a escada num impeto e os dois ficam cingidos num abraço, enquanto a multidão os acclama com alegria, saudando o Sol, a Vida, a Gloria e o Amor!..."

